



AL MANAK_Março, 15-2016

Registro de leituras : Democracia – Economia – Cultura



GRATO PELA LEITURA E COLABORAÇÕES – **P.Timm - Editor**

Postado diariamente em www.paulotimm.com.br

Índice

Vida que segue no Dia-a-dia

**Aos berros: Blog do Jamildo-Paulo Timm – Adriano Benayon -
Bruno L.Rocha – pg.03-18**

Meu Brasil: Berços de inovação – pg. 18

Intérpretes do Brasil :Construtores do Brasil /TV Câmara – pg. 18

Máximas e Mínimas: A Sabedoria Proverbial pg. 19

Imagens Revolucionárias: Riqueza Concentrada -pg 19

**Navegar é preciso: EXPLOÇÃO DA DESIGUALDADE NO
BRASIL E NO MUNDO - Ivan Valente – pg. 20-22**

Livre Pensar: pg. 24 -34

Coletânea – PTIMM org. – Clique para abrir

http://www.paulotimm.com.br/site/downloads/lib/pastaup/Obras%20do%20Timm/1603160818232016_Marco-A_CONJUNTURA_NACIONAL_-Man_Impeach.pdf

Destak:

Na política, mesmo os crentes precisam ser ateus –Eliane Brum-

**Nervo Exposto: Lula, arma antineoliberal de Dilma para
animar economia, segurar PMDB e afastar impeachment –
pg. 34-38**

ARS GRATIA ARS

Video: Artes Poéticas: Secretos – E.Giovenardi pg. 39

A Riqueza das Nações, 240 anos - A Economia no Século 21 –pg.39

MACHADO LIMPANDO A LÍNGUA: A Cartomante - pg. 40

Cinema – pg.40

Livros: A Alma e as Formas – G.Lukács pg.40

Televisão: pg. 40

Variedades: O Álcool, pior droga – pg. 41

Crônica : Que fim levou a direita ilustrada? C.Dunker 41-44

Boletins e Blogs Recomendados - Final

**Uma publicação Confraria COCRETIM-
Torres – POA – S.Maria**

Notícias: EL PAÍS Brasil <http://brasil.elpais.com/>

Artigos diversos - <http://indicedeartigosetc.blogspot.com.br/>
<http://www1.folha.uol.com.br/colunistas/>

<http://www.afolhatorres.com.br/upload/jornal.pdf>

GATOS PINGADOS AOS BERROS



[Benicio Schmidt](#) compartilhou um [link](#).



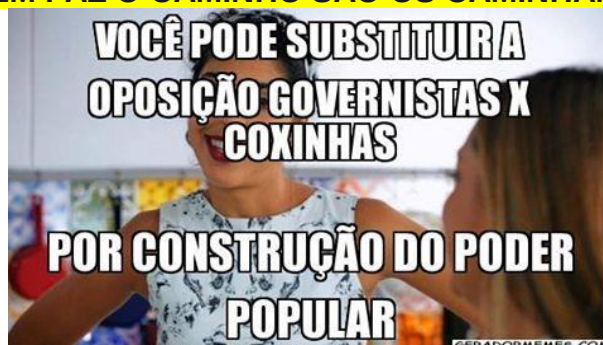
Cuidado com o poder da burocracia

-*+Por Jorge Alexandre Barbosa Neves, especial para o Blog de Jamildo Em todo o ordenamento jurídico brasileiro — tanto na Constituição Federal quanto na legislação ordinária — o Tribunal de Contas da União está claramente definido como um órgão de assessoria técnica do Congresso Nacional. Ou seja,...

BLOGS.NE10.UOL.COM.BR

Bruno Lima Rocha [compartilhou a foto de Bandeira Negra.](#)

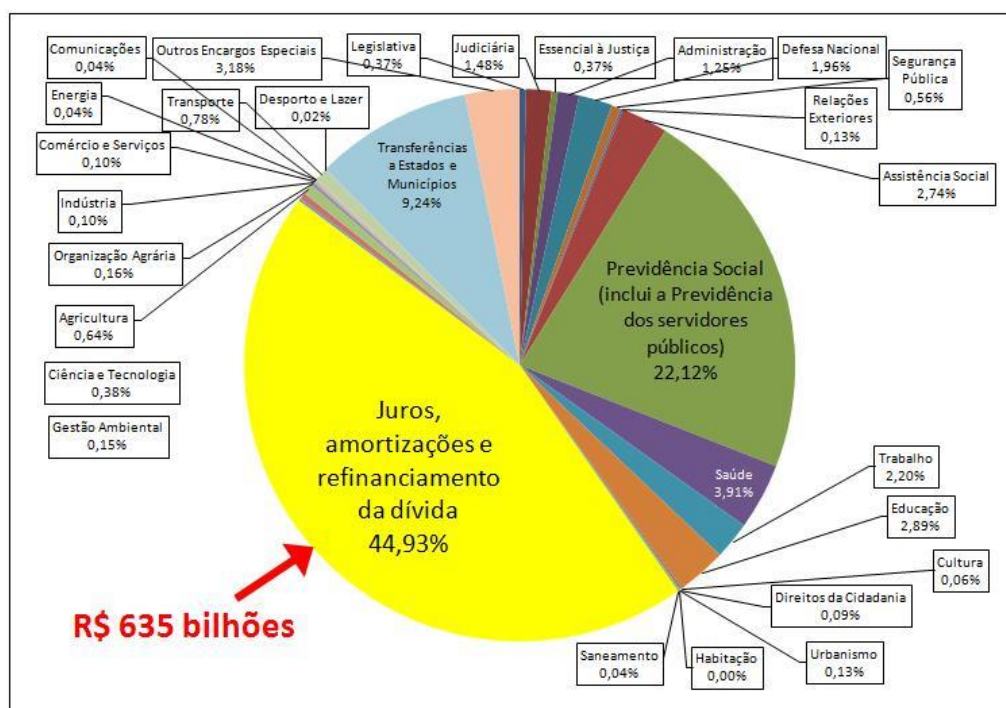
QUEM FAZ O CAMINHO SÃO OS CAMINHANTES



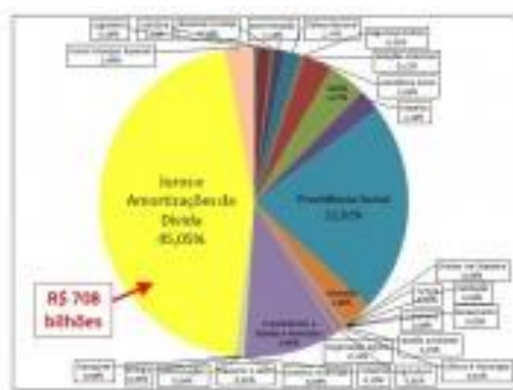
Pessoal. passo 1 - enfrentar o golpe da Globo e da Embaixada dos EUA; passo 2 - deslegitimar a intermediação dos governistas e pelegos que fizeram acordo com o andar de cima; passo 3 - construir uma política debaixo para cima, com o protagonismo de quem milita e não de quem usurpa o esforço coletivo da maioria; epasso 4 - uma plataforma de reivindicações e construção permanente para garantir que nosso poder não seja moeda de troca em negociações impublicáveis. É nós, nosotr@s!

Paulo Timm

ORÇAMENTO GERAL DA UNIÃO - 2010 - Total: R\$ 1,414 TRILHÃO



Fonte: SIAFI - Banco de Dados Access p/ download (execução do Orçamento da União) – Disponível em <http://www.camara.gov.br/internet/orcament/bd/exe2010mdb.EXE> . Elaboração: Auditoria Cidadã da Dívida



Movimentação da Dívida Líquida Total da União (Interna e Externa) - Fonte MF
R\$ Bilhões

Base: Ano de 2015

Ano	(1)	% PIB	(2)	(3)	(4)	% PIB	(5)	% PIB	(6)	% PIB	(7)	% PIB
2011	2.600,7	59,45	12,54	7,11	131,0	2,99	97,6	2,23	479,4	10,96	94,2	2,15

2012	2.887,4	61,26	11,30	3,25	135,0	2,86	321,5	6,82	299,0	6,34	174,7	3,71
2013	3.059,6	59,32	10,76	5,25	141,7	2,75	117,7	2,28	459,0	8,90	93,1	1,80
2014	3.392,8	61,45	11,51	7,58	170,3	3,08	190,7	3,45	616,8	11,17	272,9	4,94
2015	4.055,7	68,70	14,24	3,39	208,4	3,53	182,0	3,08	571,9	9,69	252,2	4,27
Média*/Total**	-	-	12,07*	5,32*	786,4**	3,04*	909,5**	3,57*	2.426,1**	9,41*	887,1**	3,37*

Legenda: (1) – Estoque da Dívida (R\$ Bilhões); (2) – Juros médio/ano de carregamento da dívida (%);

(3) – Ganho real dos investidores média/ano (%); (4) – Juros e Encargos Pagos (R\$ Bilhões);

(5) Amortizações (R\$ Bilhões); (6) Renegociações (R\$ Bilhões); (7) Captações (R\$ Bilhões).

Comentários

1 – O estoque da dívida líquida da União (interna e externa) saiu de R\$ 2.600,7 bilhões (59,45% do PIB) em 2011 para R\$ 4.055,7 bilhões (68,70% do PIB) em 2015. Aumento real em relação ao PIB de 15, 56%.

2 – O custo médio de carregamento da dívida no período 2011/2015 foi de 12,07% ao ano.

3- O ganho real médio (juros menos inflação IGPM) dos investidores no período de 2011/2015 foi de 5,32% ao ano.

4 – Foram pagos de juros e encargos no período 2011/2015 o montante de R\$ 786,4 bilhões (3,04% do PIB).

5 – Foram amortizados da dívida no período de 2011/2015 o montante de R\$ 909,5 bilhões (3,57% do PIB).

6 – Foram renegociados da dívida no período de 2011/2015 o montante de R\$2.426,1 bilhões (9,41% do PIB).

7 - Foram captados no período de 2011/2015 novos empréstimos no montante de R\$ 887,1 bilhões (3,37% do PIB).

Arquivos oficiais do governo estão disponíveis aos leitores.

Ricardo Bergamini - Membro do Grupo Pensar+ www.pontocritico.com

ricardobergamini@ricardobergamini.com.br

www.ricardobergamini.com.br

.....

Bancos	31,47%
Fundos de investimento	25,3%
Fundos de previdência	15,4%
Investidores estrangeiros	11,37%
Total da dívida	R\$ 1,78 trilhão

Fonte: Os Detentores da Dívida Pública

Enviado por Fluente Fluêncio, ter, 31/01/2012 - 14:16

Donos da dívida-Valor- Angela Bittencourt -

<http://www.advivo.com.br/blog/fluente-fluencio/os-detentores-da-divida-publica>

Orçamento União – 2015 – Fonte: Dívida Cidadão

Jornais, TVs, Grande Mídia são apenas correias de transmissão de uma elite crepuscular que se revelou incapaz de construir uma verdadeira nação. O Poder Real não é deles. É da CLASSE DOMINANTE, senhora dos grandes ativos do país. Nada mais do que 10 mil famílias, num total de 200 milhões de brasileiros que são donos dos grandes bancos, dos grandes negócios urbanos, da grande oarte das terras aráveis e o que é pior, detentora, da grande parte dos Títulos da Dívida da União, abocanhando, só com isso quase metade de seu Orçamento Anual. Até quando...? Até quando os companheiros petistas vão ficar confundindo o povo ao apontar comos inimigos e responsáveis pela crise tucanos, coxinhas, aedes nevers et caterva

O golpe permanente

Adriano Benayon- <abenayon.df@gmail.com> 24.02.2016

Tenho assinalado que os processos de desnacionalização da economia, de desindustrialização e de desestruturação do Brasil foram desencadeados desde o golpe de Estado de agosto de 1954.

2. A corrupção na política e em instituições públicas e privadas, que viabilizou esse golpe, tornou-se uma constante ao longo de nossa história, desde então, ficando o País destituído de verdadeira autonomia.

3. Refiro-me à corrupção proveniente de fontes estrangeiras, no interesse do sistema financeiro e dos carteis transnacionais, mais que à gerada internamente, da qual se faz grande alarde, como instrumento de mais intervenções contrárias aos interesses nacionais.

4. Em todas as intervenções políticas sofridas pelo País, desde 1954, tem estado subjacente, a ameaça de intervenção armada estrangeira, muitas vezes velada, salvo no próprio golpe de 1954 e no de março de 1964.

5. Ela faz parte do leque de instrumentos intervencionistas, em que tem sobressaído, cada vez mais, a corrupção sistêmica, por parte de fontes estrangeiras, valendo-se, pois, da Quinta Coluna, ampliada e desenvolvida dentro do País ao longo dos últimos 62 anos.

6. A desnacionalização da economia, a desindustrialização e a desestruturação - resultantes do modelo econômico implantado - produziram, entre outros efeitos perversos, minar as finanças do País, formando dívidas públicas imensas.

7. A seguir, transformaram essas dívidas em fonte adicional de empobrecimento, mediante a decretação de juros, correção monetária e outras taxas exorbitantes, cuja capitalização as fez crescer exponencialmente.

8. De fato, a dívida pública interna teve seu saldo multiplicado mais de 25 vezes, somente após a edição do Plano Real (1994), cujos mentores fraudulentamente o proclamaram como estabilizador da economia e da moeda, e eliminador da correção monetária.

9. A dimensão dessa mentira criminosa pode ser avaliada, compulsando a taxa SELIC acumulada no ano seguinte ao Plano Real (1995): 53% aa. Em 1994, já ultrapassara 12%.

10. Isso ilustra a cumulatividade do processo do processo de subdesenvolvimento, já que o enfraquecimento financeiro decorrente do serviço da dívida pública se soma ao proveniente das demais mazelas geradas pelo modelo econômico: déficits externos colossais advindos da desnacionalização da economia, superfaturamento escandaloso dos bens vendidos no Brasil pelas empresas e carteis transnacionais, inclusive os das ex-estatais privatizadas, infraestrutura inadequada e geradora de custos altos.

11. Tem feito parte dessa cascata de consequências deletérias do modelo implantado desde 1954, debilitar as Forças Armadas, abaixar a qualidade cultural, o grau de identificação das pessoas com a Nação, o nível da educação em todos os graus, e causar o êxodo, por falta de oportunidades de trabalho, de residentes qualificados.

12. Tudo isso concorre para explicar por que, em todos os governos, tenham, no cômputo geral, prevalecido os interesses dos que saqueiam a economia do Brasil sobre os dos residentes.

13. Explica também por que as potências imperiais, que lideram esse saqueio, não precisaram recorrer a ameaças de intervenção armada explícita nas diversas sucessões presidenciais ocorridas desde 1967.

14. Há que ter presente que essas potências não costumam abster-se de tal tipo de intervenção, quando o julgam necessário, mesmo fora do Continente Americano, incluídas as ilhas e o Mar do Caribe, considerado um lago norte-americano, do ponto de vista real.

15. Atualmente, desde a participação da aviação e de mísseis da Rússia para deter a devastação da Síria (repetindo as do Iraque e Líbia, para citar só as mais recentes), o quadro do poder mundial pode estar tendo modificação após a situação de 1990 em diante, quando o império anglo-americano se viu de mãos livres para invadir direta ou indiretamente qualquer nação cuja liderança estivesse deixando de cumprir integralmente os ditames imperiais.

16. Notável é que, não só na grande mídia brasileira - que pratica, sem cerimônia, toda desinformação possível a serviço do império, inclusive distorções semânticas das palavras – também o grosso da mídia dos países ocidentais e Japão, entre outros, apoia sistematicamente a deformação das consciências, ocultando-lhes a realidade dos fatos e inculcando-lhes preconceitos e ideologias facilitadores da aceitação do governo mundial.

17. Exemplo impressionante disso é a cobertura da intervenção militar por meio de mercenários e terroristas, patrocinada pelos EUA e seus satélites da OTAN e regionais, por parte do jornal francês Le Monde.

18. Esse diário - que foi um dos mais acatados, mercê da qualidade e independência dos jornalistas, proprietários dele – foi recebendo participações de capital de grupos financeiros, até estes passarem a ditar a linha editorial.

19. Assim, o Le Monde refere-se como “*guerra civil*”, à brutal intervenção armada estrangeira na Síria - comandada pelo governo dos EUA, que resolveu proclamar que o presidente da Síria, Assad, tem de sair, e pronto. E só fala dos mercenários, terroristas e degoladores do ISIS (Estado Islâmico), como os “*rebeldes*”, como se fosse cidadãos locais em conflito com o respectivo governo.

DÍVIDA PÚBLICA EXTERNA E INTERNA

Adriano Benayon – 01.03.2016

I – O que é a dívida?

O povo brasileiro sofre demais, em função da dívida pública, cujo estoque passou de 4 trilhões de reais (em dezembro de 2015, R\$ 3,94 trilhões) e envolve despesa no orçamento federal, próxima a 1 trilhão de reais = 42% do total do orçamento.

2. Essa despesa equivale a 1/5 (um quinto ou 20%) do PIB, muito superior ao total dos investimentos públicos e privados realizados no País (14% do PIB). Se fosse eliminada, o Brasil poderia investir na economia e na infraestrutura econômica e social, percentual de 34% do PIB. Certamente, mais que isso, pois, antes não investia tão pouco como atualmente.

3. Essa dívida formou-se basicamente pela capitalização dos juros absurdamente altos que o cartel dos bancos exige do Banco Central para

adquirir títulos do Tesouro: taxa SELIC mais margem, em torno de 3% aa., o que eleva a atual taxa efetiva para mais de 17% aa.

4. Assim, a dívida interna cresceu 30 vezes, de 1994 para cá. 1994 foi o ano do Plano Real, um conjunto de fraudes, entre as quais a de o “governo” de então proclamar que a moeda estava estabilizada e que dever-se-ia acabar com a correção monetária.

5. Em seguida, em 1995, as taxas SELIC, decretadas pelo Banco Central desse “governo” acumularam 53%. A dívida interna de R\$ 136 bilhões em dezembro de 1994, chegou agora a R\$ 4 trilhões.

6. A dívida externa voltou a subir e retornou a patamar muito alto (US\$ 545,4 bilhões em dezembro de 2015), devido aos enormes déficits de transações correntes com o exterior, que acumularam US\$ 337,9, de dezembro de 2010 ao final de 2015.

7. Além disso, o saldo dos investimentos diretos estrangeiros, US\$ 1 trilhão, mais os investimentos estrangeiros em carteira, cerca de US\$ 700 bilhões, elevam o passivo externo bruto a mais de US\$ 2,2 trilhões (equivalente a R\$ 8 trilhões, o dobro da dívida interna.)

8. A esse passivo externo ainda haveria que adicionar boa parte da dívida interna, detida por estrangeiros e brasileiros residentes no exterior. Diante disso, as reservas brasileiras (US\$ 356,35 bilhões) e os investimentos brasileiros no exterior, cerca de US\$ 400 bilhões (difíceis de retornar, em situações de crise) não significam situação confortável.

II – De onde vem a dívida pública brasileira?

9. Se não identificarmos as causas das dívidas que nos estão sugando, de nada adiantaria acabar com elas, mesmo um milagre as extinguisse. Por que? Porque não se removendo as causas, se estaria formando, em pouco tempo, nova dívida tendente a crescer exponencialmente, como aconteceu com a atual.

10. A dívida externa foi a primeira a surgir e a gerar crises tremendas no País, agravadas por arrochos violentos sob a direção do FMI.

11. Houve muitas dessas crises, desde o ponto de viragem para o subdesenvolvimento, decorrente da deposição do presidente Vargas, em 1954. A primeira, ao final do mandato de J. Kubitschek, 1960/61.

12. Essa, como as seguintes recorrentes, resultou da desnacionalização da economia, com a entrega aos carteis transnacionais dos mercados industriais do País, desde janeiro de 1955. Então, foram baixadas as Instruções da SUMOC, que propiciaram subsídios inacreditáveis, para esses carteis, donos de grandes empresas em grande número de países se apoderarem de nosso mercado industrial.

13. Esse crime contra o Brasil foi cometido pelo governo egresso do golpe de 1954, por militares pró-EUA e políticos da UDN. São raríssimos os economistas que atribuem importância, a tais modificações na política industrial e de capitais estrangeiros, aplicadas com entusiasmo e ampliadas, por JK, enganosamente tido por desenvolvimentista.

14. Ele adotou o falso conceito da CEPAL (Comissão para a América Latina das Nações Unidas), segundo o qual o importante era industrializar-se, sem se importar com quem controla o capital e a tecnologia das indústrias.

15. Resultado: sob JK e sob os governos militares, o País teve altas taxas de crescimento do PIB, por algum tempo, mas crescia errado. Por isso, o Brasil

pagou caro demais: décadas perdidas, desde a dos anos 80. A dívida externa subiu de menos de US\$ 1 bilhão em 1954, para US\$ 90 bilhões em 1982.

16. Os falsos desenvolvimentistas jactaram-se da industrialização, mas mentiam, ou ignoravam que o Brasil se industrializava na primeira metade do Século XX, sem aporte significativo de investimentos diretos estrangeiros.

17. O modelo de “desenvolvimento dependente” é uma contradição em termos, uma impossibilidade. Promovendo e subsidiando os “investimentos” estrangeiros, causou fabulosos déficits externos, cujo financiamento, juntamente com os empréstimos públicos para apoiar esses “investimentos”, fez a dívida externa crescer exponencialmente.

18. A contradição foi defendida por FHC, no péssimo livro Dependência e Desenvolvimento na América Latina (coautoria com Enzo Faletto).

19. Por essas e outras provas de ser inimigo dos interesses nacionais, FHC foi conduzido pelo império anglo-americano à presidência da República, a fim de aprofundar o desastre da economia brasileira, com as privatizações, dando continuidade ao pacote de leis antinacionais que Collor fez o Congresso aprovar em menos de dois meses.

20. Diziam promover a industrialização e garantiram que o País se desindustrializasse, consequência natural da desnacionalização da economia, em razão de: a) empobrecimento do Brasil com os arrochos acarretados pelas crises de dívida externa; b) praticarem os carteis transnacionais preços absurdos (múltiplos de mais de 3 do real custo de produção) e transferirem os lucros para as matrizes, através de vários mecanismos; c) concentrarem nas matrizes a produção dos componentes de maior valor agregado e conteúdo tecnológico.

21. O resultado é a desindustrialização, não apenas por ter o produto industrial caído a menos de 10% do PIB, mas por ser constituído, cada vez mais, por bens intensivos de recursos naturais e decrescente conteúdo tecnológico.

22. São tendências terríveis e que se manifestam também em termos do emprego, que decai tanto quantitativamente como do ponto de vista da qualificação.

* - Adriano Benayon é doutor em Economia, pela Universidade de Hamburgo, Alemanha; autor de Globalização versus Desenvolvimento.

--

Notícias, Informações e Debates - sobre o Desenvolvimento do Brasil::

www.desenvolvimentistas.com.br

ceci vieira jurua – www.desenvolvimentistas.com.br: Mídia mente sobre Bolsa

As bolsas de valores desmontaram hoje (15.março) no mundo inteiro, com raras exceções.

Cresce o temor de um krack, uma queda de todas as bolsas, não há lucros que sustentem o preço das ações mas a globo e a cbn tentar imputar a queda da bolsa no Brasil à conjuntura política e ao governo Dilma.

Mentem mentem mentem, pois – Globo, Pigs - . Se baseiam na desinformação dos brasileiros, desinformação provocada por eles próprios, os meios de comunicação

--

MEU BRASIL BRASILEIRO: GRANDEZAS E MISÉRIAS

Da Casa Grande à Senzala



[MAPA É TUDO](#) - 19 de julho de 2014

Estados brasileiros nomeados como países de área similar

Berços de inovação

[João Pedro Caleiro](#), de [EXAME.com](#)

São Paulo - Desde 2001, o Fórum Econômico Mundial divulga um relatório mostrando o que os países tem feito para se preparar para um futuro digital.

No [ranking de 2015](#), Singapura passou a [Finlândia](#), mas os primeiros lugares continuam parecidos, com destaque para países europeus e asiáticos.

Para o Brasil, uma má notícia: queda de 15 posições em um ano e de 19 posições desde 2012, o que nos deixou [atrás de nações como Ucrânia, El Salvador e Ruanda](#).

O Brasil não entrou no top 50 em nenhum dos 10 pilares divididos entre ambiente (regulatório/político e de negócios/[inovação](#)), prontidão tecnológica (infraestrutura, preços e competências), uso (por governos, indivíduos e empresas) e impactos (econômicos e sociais).

143 países foram analisados. Veja a seguir o top 12 e alguns destaques e pontos de atenção em cada um:

INTÉRPRETES DO BRASIL



WWW.INTERPRETESDOBRASIL.ORG

"Enciclopédia de brasilidade - Cesar Benjamin

<http://www.contrapontoeditora.com.br/.../200711011651590.Cert...>

...

Nós, os brasileiros – Paulo Timm – Coletânea

[http://www.paulotimm.com.br/site/downloads/lib/pastaup/Obras%20do%20Timm/150627061554NOS__OS_BRASILEIROS_\(2\).pdf](http://www.paulotimm.com.br/site/downloads/lib/pastaup/Obras%20do%20Timm/150627061554NOS__OS_BRASILEIROS_(2).pdf)

Sociologia brasileira: 11 seminários, entrevistas e documentários pra você entender os maiores...

De que é feita a sociologia brasileira? Qual seu tutano? Clique aqui e veja entrevistas, documentários e seminários sobre a sociologia do nosso país.

COLUNASTORTAS.WORDPRESS.COM

O pensamento estratégico de Francisco Adolfo de Varnhagen, por Paulo Roberto de Almeida

A data de 17 de fevereiro de 2016 marca o ducentésimo aniversário do nascimento do...

MUNDORAMA.NET

Sobre José Bonifácio, os “Pais Fundadores” dos EUA, Joaquin Nabuco, Rui Barbosa e Adam Smith

<https://marcosfernandeseconomicandpolitics.wordpress.com/2016/02/18/sobre-jose-bonifacio-os-pais-fundadores-dos-eua-joaquin-nabuco-rui-barbosa-e-adam-smith/>

José Bonifácio, Rui Barbosa, Nabuco e Adam Smith (Teoria dos sentimentos
Morais) deveriam ser leituras obrigatórias nas escolas.

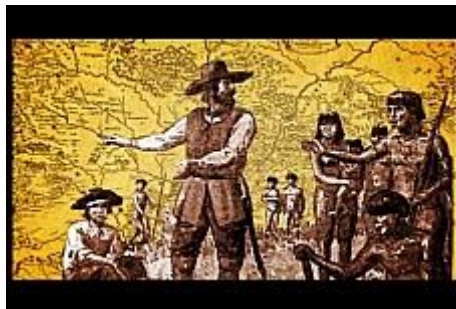
O Andrada é mais avançado que os pais fundadores dos EUA,
incrível. Kenneth Maxwell republicou um [artigo](#) dele sobre o Brasil e sua
peculiaridade onde isso fica claro, mas Jorge Caldeira em seu [livro sobre JB](#)
[deixa isso bem claro.](#)

TV CAMARA - Construtores do Brasil

<http://www2.camara.leg.br/camaranoticias/tv/programa/49-CONSTRUTORES-DO-BRASIL.html>

O programa mostra a biografia de 25 personalidades que tiveram papel predominante na
formação política, histórica e geográfica do Brasil.

Raposo Tavares



Definidor das fronteiras

Outros destaques



PRINCESA ISABEL



JOSÉ BONIFÁCIO DE ANDRADA E SILVA



FILIPPE CAMARÃO

MÁXIMAS E MÍNIMAS

Um por todos , todos por um x Cada um por si, Deus por todos...

O mundo se divide moralmente entre aqueles que dizem sempre NÃO!, que corresponde ao CADA UM POR SI, DEUS POR TODOS, no sendeiro do conservadorismo meritocrático, e os que dizem SIM!, que corresponde ao UM POR TODOS, TODOS POR UM, na loucura incondicional pela Justiça....Simples.Nem precisava essa história toda de Direita x Esquerda, ou Coxinhas x Coqretiis

IMAGENS REVOLUCIONÁRIAS

Nada tenho a dizer, só a mostrar – W.Benjamin

http://www.facebook.com/ImagensRevolucionarias?directed_target_id=0 -

NAVEGAR É PRECISO: Pero cuide que no naufrague tu vivir...

MUNDO MUNDO, VASTO MUNDO...



Antigo mapa do mundo feito por Henricus Martellus, em 1491, que teria sido usado por Cristóvão Colombo



EXPLOSÃO DA DESIGUALDADE NO BRASIL E NO MUNDO

Ivan Valente

Na semana passada um estudo divulgado pela ONG britânica Oxfam chamou a atenção para uma questão cada vez mais grave, a partir do ano que vem os recursos acumulados pelo 1% mais rico ultrapassarão a riqueza do resto da

população. Isso é ainda mais grave considerando que a concentração de riqueza entre os 99% restantes. Essa parcela detém hoje 52% dos recursos, porém, destes, 46% estão nas mãos de cerca de um quinto da população. A maior parte fica na verdade com apenas 5,5% das riquezas mundiais.

Se a escala da desigualdade global é revoltante, o mesmo se aplica ao Brasil e à América Latina. Segundo estudos divulgados nesta última segunda-feira pela Cepal (Comissão Econômica para América Latina e o Caribe), a pobreza atinge 28% da população latino-americana, 167 milhões, sendo que destes, 71 milhões se encontram em pobreza extrema ou indigência. O documento Panorama Social da América Latina mostra que a situação da pobreza na região se manteve estável entre 2012 e 2013. No entanto, a extrema pobreza aumentou de 11,3% em 2012 para 11,7% em 2013. As projeções apontam que em 2014 se registraria um novo aumento, até 12%, chegando aos 71 milhões em condição de extrema pobreza.

No caso do Brasil, os dados da Cepal revelam o aumento da quantidade de brasileiros que vivem em situação de extrema pobreza, com uma elevação de 5,4% para 5,9% entre 2012 e 2013. Esse índice vinha mantendo uma constância de queda nos últimos anos, para se ter uma ideia, em 2005 estava em 10,7%, segundo critérios da Cepal.

Uma questão que chama atenção é que a situação se manteve estagnada em relação ao índice de pobreza, mas com aumento em relação à situação de indigência, isso mesmo numa situação econômica um pouco mais estável, o que esperar então de um momento de crise, com duros cortes no orçamento e previsão de redução do crescimento.

Se aumenta a pobreza aumenta a concentração de riqueza, infelizmente, não existem políticas efetivas para combater toda essa desigualdade. Pelo contrário, no caso brasileiro, o modelo econômico adotado pelo governo Dilma e aclamado pela chamada grande mídia e pelo grande capital, só vai causar mais pobreza e desigualdade.

A iniquidade brasileira é algo gritante, um estudo publicado em dezembro de 2013 pela Receita Federal trouxe à tona dados alarmantes sobre a concentração de renda no Brasil. Um resumo publicado pelo site Brasil Debate sobre o estudo, os dados são de 2012, aponta que apenas 0,21% detinham 40,81% de toda a riqueza brasileira. Os 50% mais pobres apenas 2% da riqueza nacional, 36,99% ficavam com 10,60% e 13,01% com 87,40%. Destes últimos, apenas 0,9% das pessoas detinham 59,90% do total.

O modelo tributário no Brasil favorece a concentração existente. Para se ter uma ideia, no Brasil a alíquota máxima do imposto de renda é de 27,5%. Na Suécia é de 56,7%, na Alemanha de 45,0% e nos Estados Unidos de 39,6%. Também são bem menores no Brasil os impostos sobre herança e sobre ganhos de capital, do que nos países mais desenvolvidos.

Segundo esse mesmo estudo da Receita Federal, em 2012, 49,73% da arrecadação adveio dos bens e serviços, 17,84% da renda, 3,85% da propriedade, 26,53% da folha de salários e 2,04% de outros meios. Como o

ganho dos mais ricos está centrado em rendimentos obtidos do capital, e como vemos, a estrutura tributária está centrada no consumo, podemos verificar que quem paga a conta não é quem está no topo da pirâmide.

As comparações internacionais mais uma vez tornam a situação brasileira ainda mais alarmante. Num estudo do economista Fábio Avila Castro (Imposto de renda da pessoa física: comparações internacionais, medidas de progressividade e redistribuição. 2014.115f. Dissertação Mestrado-Departamento de Economia, Universidade de Brasília, Brasília, 2014) é possível constatar essas discrepâncias. No caso de impostos sobre herança, por exemplo, no Reino Unido a alíquota é de 40,00%; na França 32,50%; nos Estados Unidos 29,00%; na Alemanha 28,50%; na Suíça 25,00%; no Japão 24,00%, no Chile 13,00%; já no Brasil o tributo é de 3,86%. Já em relação às alíquotas máximas de dividendos de alguns países, na Dinamarca é de 42,00%, na França de 38,50%, no Canadá de 31,70%, na Alemanha é de 26,40%, na Bélgica é de 25,0%, nos Estados Unidos de 21,20% e na Turquia 17,50%. Já no Brasil, os dividendos são isentos de imposto de renda, a alíquota é 0,00%.

Muito se fala da elevada carga tributária brasileira, que aliás, sem querer se estender em comparações, também é menor do que a praticada nos países mais desenvolvidos, mas pouco se fala de que no Brasil os ricos pagam poucos impostos e mesmo com taxas abaixo da média internacional praticam uma fortíssima evasão fiscal. Dados divulgados pelo Sindicato dos auditores da receita federal apontam que em 2014 a sonegação de impostos no Brasil ultrapassou a marca de 500 bilhões de reais.

Entre outras medidas possíveis e necessárias para enfrentar o problema da desigualdade está a taxação das grandes fortunas. Um Projeto de Lei Complementar, o PLP 277/2008 de autoria da bancada do PSOL na Câmara dos Deputados, que regulamenta o inciso VII do art. 153 da Constituição Federal - Imposto sobre Grandes Fortunas, já passou por todas as comissões da Câmara e está pronto para ir a plenário.

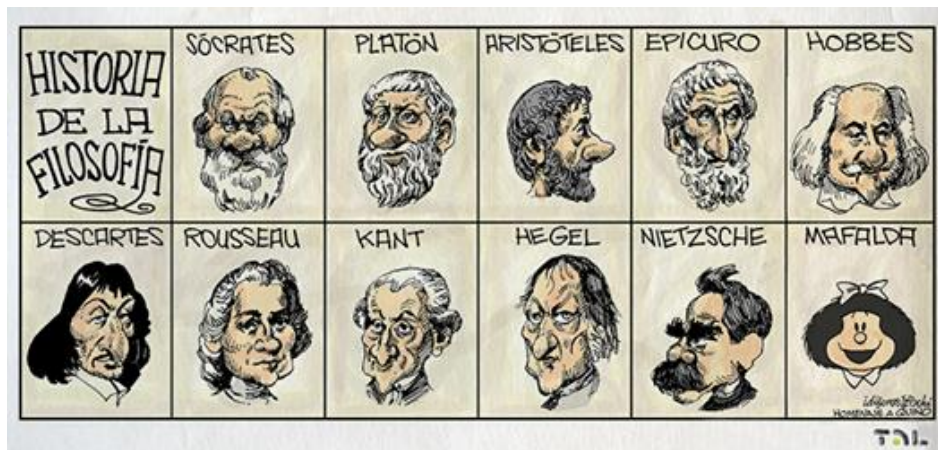
Sem mudança no sistema tributário brasileiro, não haverá combate efetivo à desigualdade. É óbvio que essa política tem de vir acompanhada de outras medidas, como o aumento do gastos públicos com setores fundamentais como saúde e educação, o combate à sonegação fiscal e o enfrentamento do problema da dívida, que consome quase metade do orçamento da União.

A desigualdade deve ser compreendida como ela é, como uma grave violação dos direitos humanos, como uma violência que submete milhões de pessoas às condições mais indigentes de vida. Não podemos aceitar que o abismo entre os mais ricos e o conjunto da população continue crescendo em ritmo acelerado, o combate à desigualdade é uma tarefa central, tanto no Brasil como no mundo.

Mandato Ivan Valente - PSOL- SP

Acesse o documento Carga Tributária no Brasil - Receita Federal - 2012
<http://www.receita.fazenda.gov.br/.../estatisticas/CTB2012.pdf>

LIVRE PENSAR: Só de pensar



Filosofia em vídeo: <http://filosofiaemvideo.com.br/>

CONJUNTURA NACIONAL: As Manifestações e o Impeachment

Coletânea – PTIMM org. – Clique para abrir

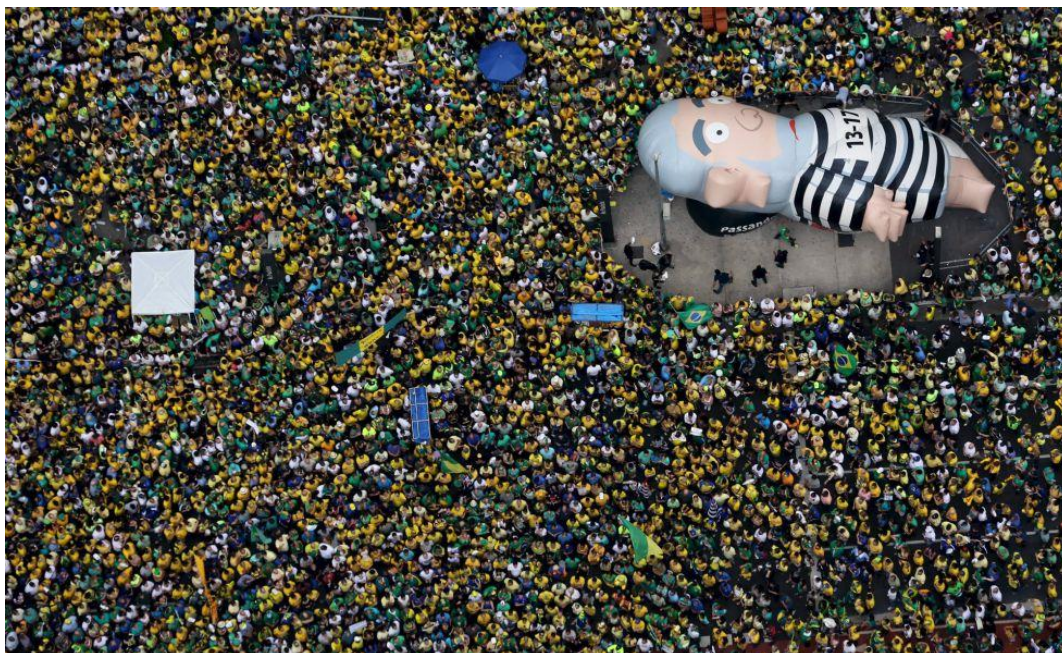
http://www.paulotimm.com.br/site/downloads/lib/pastaup/Obras%20do%20Timm/1603160818232016_Marco-A_CONJUNTURA_NACIONAL_-Man_Impeach.pdf

Na política, mesmo os crentes precisam ser ateus

http://brasil.elpais.com/brasil/2016/03/14/opinion/1457966204_346156.html

O momento do Brasil, culminando com as manifestações de 13 de março, mostra os riscos de uma adesão pela fé: é preciso resistir pela razão
Otros

ELIANE BRUM - 14 MAR 2016 T



Manifestantes levantam o boneco que remete ao ex-presidente Lula, na avenida Paulista, no domingo (13). PAULO WHITAKER REUTERS

Não se constrói um projeto político com crentes. Mas a angústia, no [Brasil](#) de hoje, se dá também pela vontade de acreditar que algo é verdadeiro num cotidiano marcado por falsificações. O perigo é que, quando o roteiro dos dias parece ter sido escrito por marqueteiros, não cabe razão nesse acreditar. Exige-se fé. Quando a política demanda adesão pela fé, é preciso ter muito cuidado. Os partidos que estão aí, puxando para um ou outro credo, podem acreditar que lhes é favorável ter uma população de crentes legitimando seus projetos de poder. Mas a adoração, rapidamente, pode se deslocar para outro lugar, como alguns já devem ter começado a perceber depois das [manifestações do domingo, 13 de março](#). Ou pior, para um ídolo de barro qualquer. Rebaixar a política nunca é uma boa ideia para o futuro. Quem acha que controla crentes, com suas espirais de amor e de ódio, não aprendeu com a história nem entende o demasiado humano das massas que gritam.

OUTROS ARTIGOS DE ELIANE BRUM

- [A mais maldita das heranças do PT](#)
 - [Sobre aborto, deficiência e limites](#)
 - [Tarifa não é dinheiro, é tempo](#)
 - [Todo inocente é um fdp?](#)
 - [Parabéns, atingimos a burrice máxima](#)
 - [Vítimas de uma guerra amazônica](#)
-

Há uma enorme descrença nos políticos e nos partidos tradicionais, este já é um lugar comum. Mas é importante perceber que a esta descrença se contrapõe não mais razão, mas uma vontade feroz de crença. Quando os dias, as vozes e as imagens soam falsas, e a isso ainda se soma um cotidiano corroído, há que se agarrar em algo. Quando se elege um culpado, um que simboliza todo o mal, [também se elege um salvador](#), um que simboliza todo o bem. A adesão pela fé, manifeste-se ela pelo ódio ou pelo amor, elimina complexidade e nuances, reduz tudo a uma luta do bem contra o mal. E isso, que me parece ser o que o Brasil vive hoje, pode ser perigoso. Não só para uma ditadura, como é o medo de alguns, mas para que se instale uma democracia de fachada, como já vivemos em alguns aspectos.

Uma democracia demanda cidadãos autônomos, adultos emancipados, capazes de se responsabilizar pelas suas escolhas e se mover pela razão. O que se vê hoje é uma vontade de destruição que atravessa a sociedade e assinala mesmo pequenos atos do cotidiano. O linchamento, que marca a história do país e a perpassa, é um ato de fé. Não passa pela lei nem pela razão. Ao contrário, elimina-as, ao substituí-las pelo ódio. É o ódio que justifica a destruição daquele que naquele momento encarna o mal. Isso está sendo exercido no Brasil atual não apenas na guerra das redes sociais, mas de formas bem mais sofisticadas. Isso tem sido estimulado. Quem acha que controla linchadores, não sabe nada.

Talvez o mais importante, neste momento tão delicado, seja resistir. Resistir a aderir pela fé ao que pertence ao mundo da política. Fincar-se na razão, no pensamento, no conhecimento que se revela pelo exercício persistente da dúvida. É mais difícil, é mais lento, é menos certo e sem garantias. Mas é o que pode permitir a construção de um projeto para o Brasil que não seja o da destruição. Quem sofre primeiro e sofre mais com a dissolução em curso são os mais pobres e os mais frágeis. É preciso resistir também como um imperativo ético.

Na política, mesmo os crentes precisam ser ateus.

Mas nunca, desde a redemocratização, pelo menos, foi tão difícil vencer esse paradoxo: à enorme descrença se contrapõe uma enorme vontade de crença. Uma vontade desesperada de fé. E isso vale para todos os lados.

Seria bom se a gente pudesse acreditar que as centenas de milhares que foram às ruas neste domingo querem o fim da corrupção no Brasil. A beleza de um país unido contra aquilo que o arrasta para o esgoto é uma imagem forte, poderosa. Mas a massa verde-amarela, vista de perto, delata a si mesma. Quem quer o fim da corrupção no Brasil não [levanta bonecos de Lula \(PT\) e de Dilma \(PT\)](#) e esquece todos os outros que não pertencem ao partido que quer arrancar do Governo. Quem quer o fim da corrupção no Brasil jamais teria negociado com [Eduardo Cunha \(PMDB\)](#), como lideranças que organizaram as manifestações negociaram há pouco tempo atrás. Nem usa camiseta da [CBF, mais corrupta impossível](#). Nem tira *selfies* com uma polícia que sistematicamente viola a lei.

A corrupção é uma bandeira conveniente para quem nada quer mudar mas precisa fazer de conta que quer. Ela sempre cabe, porque, ao mesmo tempo que é consenso – ou alguém vai se declarar a favor da corrupção? –, é difusa. Elege-se os corruptos a destruir, que viram bonecos, rostos a ser eliminados. E nada se muda da estrutura que provoca as desigualdades e permite a corrupção de fundo. É interessante perceber, quando não se adere pela fé, que os alvos nas ruas são os políticos – majoritariamente Lula e Dilma, contra quem até agora nada foi ainda provado. Há indícios, há delações, há investigações em curso. Mas nada ainda foi provado. Mas o que importam os fatos quando o que vale é a propaganda? O que importa a verdade quando a demanda é por crença?

A cara do Mercado, a outra face da Lava Jato, não estava nas ruas como ré, apesar dos expoentes do empresariado nacional na prisão

O rosto dos corruptos nas ruas, aqueles que simbolizam a corrupção que se diz combater, é o rosto de governantes, um ex-presidente e sua sucessora. É um único partido, quando há vários outros envolvidos. Os alvos nas ruas são aqueles identificados com o Estado. Não há bonecos de expoentes do empresariado nacional, alguns deles já presos, julgados e condenados. As entidades de classe empresarial que conclamaram seus associados à adesão aos protestos deste domingo não bradaram contra seus pares na prisão. A cara do Mercado, a outra face dessa história, não está as ruas como ré, apesar de também ser protagonista do esquema que está sendo desvendado pela [Operação Lava Jato](#).

E por que não está? Para entender um quadro por completo, tão importante quanto ver quem está é perceber quem não está.

Não há como afirmar o que cada um que foi às ruas deseja, qual foi a insatisfação que o levou até ali. São muitas as paixões – e o espaço público pertence a todas elas. Mas é importante observar que o senador [Aécio Neves](#) e o governador [Geraldo Alckmin](#), dois dos presidenciáveis do PSDB, [entraram na Avenida Paulista alegremente e saíram dela hostilizados](#), o que talvez lhes ensine alguma coisa. Quem foi ovacionado aos gritos de “Mito! Mito! Mito!”, ao participar da manifestação em Brasília, [foi o deputado federal Jair Bolsonaro \(PSC\)](#), expoente nacional da direita caricata, que odeia gays e adora armas. E, acima de todos, como ícone positivo e salvador da Pátria, a figura onipresente do [juiz Sérgio Moro](#), em cartazes e camisetas. A mais notória delas em inglês: “*In Moro we trust*” (Em Moro, nós confiamos). Ela parodia o lema dos Estados Unidos estampado nas notas do dólar: “*In God we trust*” (Em Deus, nós confiamos).

É importante escutar o discurso dos líderes dos movimentos que organizaram os protestos, assim como perceber com que partidos se aliam em [suas aspirações políticas](#). A parte final do artigo escrito pelo coordenador do MBL (Movimento Brasil Livre) e [colunista da Folha de S. Paulo, Kim Kataguirí](#), é particularmente reveladora, ao fazer uma analogia entre o momento atual e a série de TV *Power Rangers*, para conclamar os brasileiros a comparecer à manifestação: “Com seis anos, eu lutava contra monstros que eram derrotados

e voltavam gigantes. Lula, depois de ter sido derrotado no mensalão, voltou ainda maior no petrolão. Os Rangers uniam-se e fundiam seus veículos para compor o robô gigante. Precisamos de algumas centenas de milhares de brasileiros para montar o nosso”. Deve acreditar ter conseguido “montar” seu “robô gigante” nos protestos de domingo.

Escutando as lideranças dos protestos pelo impeachment da presidente com atenção é fácil perceber que este novo é velho. Tão velho quanto a rasteira luta do bem contra o mal.

Seria bom acreditar que a massa verde-amarela nas ruas quisesse de fato o fim da corrupção no Brasil. Pela razão, não é possível acreditar. Pela crença, sim.

Seria bom se a gente pudesse acreditar que a oposição ao Governo e ao PT tivesse um projeto para o país que não fosse apenas um projeto de ocupação e loteamento do poder. Ou de manutenção do poder, caso do PMDB, partido que hoje comanda seis ministérios e a vice-presidência da República. É preciso muita fé para acreditar nisso depois do [jantar de 9 de março entre líderes](#) do PSDB e do PMDB, em Brasília. Entre eles Aécio Neves e José Serra, dois dos presidenciáveis do PSDB, reunidos com, entre outros, o peemedebista Renan Calheiros, presidente do Senado e alvo de seis inquéritos na Lava Jato. Na semana passada, a abertura de um sétimo inquérito foi pedida ao Supremo Tribunal Federal.

PSDB e PMDB se assemelham a urubus que, ao acreditar que comem carne, não percebem que devoram junto suas próprias garras

Presidenciáveis do PSDB negociando com Renan Calheiros, aquele que apenas horas antes havia entregue a Lula um exemplar da Constituição, testando até que ponto se pode manipular as imagens, aprofundar o escárnio e debochar da lei. PMDB e PSDB, juntos, debatendo sobre a partilha do poder depois da queda de [Dilma Rousseff](#) e do PT. Ou sobre como dividir os despojos

daqueles cuja morte já decretaram. Jantando o Governo e o PT e apertando as mãos na sobremesa, certos de que o futuro é deles, como já foi o passado. É só com muita fé para acreditar que essa imagem de butim seria o melhor para o país. Ou que representaria o fim da corrupção. No sábado, três dias depois deste jantar e na véspera das manifestações, [o PMDB decidiu dar um “aviso prévio” à presidente Dilma Rousseff](#) e ao PT, anunciando que deve desembarcar do Governo para não sair do poder.

Seria fundamental uma oposição forte e responsável ao Governo. Sempre é para uma democracia funcionar. Mas, entre os grandes partidos, não se ouviu uma única voz capaz de superar suas paixões pessoais e liderar com razão e responsabilidade. O que se viu foram mercadores desonestos, carniceiros. Urubus que, ao acreditar que comem carniça, não percebem que devoram junto suas próprias garras.

Na “condução coercitiva” de Lula, o juiz Sérgio Moro promoveu o linchamento simbólico, estimulou a vontade de vingança que atravessa a sociedade brasileira – e não a lei

Seria bom se a gente pudesse acreditar que o juiz Sérgio Moro tivesse de fato convicção que a “condução coercitiva” de [Lula](#) não só cumpria os requisitos da lei como evitaria confrontos, como afirmou em nota pública. E, mais ainda, que “cuidados foram tomados para preservar, durante a diligência, a imagem do ex-presidente”. Que tipo de candura seria necessária a Moro e também aos procuradores do Ministério Público Federal para não imaginarem que, para o Brasil, o que viraria verdade é que Lula foi preso diante das câmeras? E que isso, por si só, já julgaria e condenaria o ex-presidente sem julgamento nem condenação? Que tipo de inocência seria necessária a Moro e a seus pares para não perceber que “condução coercitiva”, termo que não faz parte do vocabulário da população nem é de fácil apreensão, seria sinônimo de prisão? E que o espetáculo, com forte aparato policial, como se Lula fosse o próprio Al Capone, seria decodificado como a prisão de Lula? Espetáculo, é importante

sublinhar, para o qual uma parte da imprensa foi convidada para garantir a produção e a difusão da imagem de forte poder simbólico.

É preciso que estes homens da lei (?) sejam ingênuos, o que também não é uma boa característica para a profissão. Ou, o que é mais fácil de mobilizar, como se viu: é preciso de fé. Da nossa fé.

O que aconteceu naquela sexta-feira, 4 de março, em que Lula foi tirado de casa por policiais federais e levado para o Aeroporto de Congonhas, foi grave. Muito grave. O juiz e os procuradores deveriam ser os primeiros a querer evitar de todos os modos essa simbologia. A imagem de Lula preso, para o Brasil inteiro, não mostra que a lei vale inclusive para ícones populares e ex-presidentes. Mas que a lei também não vale para ícones populares e ex-presidentes. Que o abuso e a violação de direitos, cuja maior representação são os milhares de presos sem julgamento atirados em penitenciárias medievais, assim como os negros humilhados pelas polícias nas periferias, são a regra para todos – ou quase todos.

O que o juiz e os procuradores estimularam nesta cena foi a vontade de linchamento. Porque levar alguém para depor dessa maneira, produzir esse tipo de imagem, também é um tipo de linchamento. E foram aplaudidos por parte da população por isso, porque atenderam à sanha, legitimaram a vontade de vingança ao dar-lhe roupagens de lei. Quando o rito da lei é substituído pela vingança, e essa substituição é permitida por quem é um agente da lei, é muito grave. É exatamente em períodos tão delicados da história que a lei precisa ser interpretada de forma mais conservadora. E seus agentes precisam ter a grandeza de abrir mão das vaidades pessoais e reprimir as paixões que também os habitam.

Sérgio Moro e os procuradores, assim como os policiais federais, não são heróis nem vingadores. São funcionários públicos. E é como funcionários públicos que precisam se comportar se quiserem estar à altura do cargo. Deles só se espera que façam bem – e discretamente – o seu trabalho.

Os promotores de São Paulo foram usados como “bois de piranha”. E como sangraram

E o que dizer dos promotores do Ministério Público de São Paulo, pedindo a prisão de Lula a três dias da manifestação de domingo? E sem nenhuma justificativa razoável, para além das confusões “filosóficas” que viraram piada nas redes sociais, quando, [entre outras bobagens, confundiram Hegel com Engels?](#) Importa perceber que a manchete, com foto, foi garantida: “MP de São Paulo pede a prisão de Lula”. E a manchete é mais forte do que os editoriais e as matérias internas. Qual é a verdade que se fabrica ali, e que tem sido repetida em cada esquina do país? Lula é culpado.

Mas até ser julgado e condenado, Lula não é culpado. Ou a lei não vale. E, atenção: se a lei não vale para Lula, também não vale para você ou eu.

É interessante perceber ainda que os promotores de São Paulo, chamados publicamente por alguns de “os três patetas”, obtiveram unanimidade num momento em que a unanimidade parecia impossível. O pedido de prisão de Lula foi condenado por todos os lados. Mas, pela razão, vale a pena duvidar um pouco dessa unanimidade. O estrago de um pedido de prisão nas manchetes já estava feito, o serviço já tinha sido cumprido. Talvez seja apenas esperteza condenar os agentes menos importantes. Não apenas para dar aparência de isenção, mas principalmente para salvar a imagem dos que realmente importam, que são os agentes da Lava Jato. Este pode ser um daqueles casos em que aqueles que se julgavam espertos, ao aproveitar o momento nacional em busca de glória, encontraram espertos ainda mais espertos. De imediato, “os três patetas” viraram bois de piranha nas redes sociais. E como sangraram.

Quando a justiça invade o espaço da política – e a política demanda adesão pela crença, em vez de pela razão, o risco é grande. O que aqueles que demandam fé não percebem é que o risco é grande para todos.

Seria bom acreditar que Lula, que personificou o principal projeto da esquerda na redemocratização do país, que de fato encarnou uma mudança histórica no Brasil ao ser o primeiro operário a se tornar presidente, é apenas um perseguido. Seria tudo mais fácil se assim fosse. Mas só com fé. Pela razão não dá.

Acossado, Lula fez o que melhor sabe fazer, aquilo que o tornou um dos presidentes mais populares da história. Lula foi Lula, o Lula que fala a linguagem do povo porque compreende o povo como poucos. E, por um momento, a maioria dos que um dia acreditaram, porque havia o que acreditar, foram tentados, fortemente tentados, a voltar a acreditar. Porque é tão mais fácil acreditar. Mas a estranheza, a estranheza que vem pelo pensamento, foi se imiscuindo. Mesmo quando empurrada para baixo, ela teima em subir à superfície. E, aos poucos, torna-se claro: Lula estava encenando Lula.

Hoje, Lula é simbolicamente linchado também por parte daqueles cuja vida seu governo mudou radicalmente para melhor

Ou melhor: o Lula atual estava encenando o Lula de antes. Porque o Lula de antes já não existe, nem poderia, já que qualquer pessoa é mudada pelas suas experiências. E Lula, mais do que a maioria, circulou por muitos mundos novos desde que se tornou presidente, e mesmo antes. Assim, o discurso virou farsa. Não fraude, mas farsa. E mesmo o que havia de verdade, porque obviamente ainda existe o Lula no Lula, revelou-se como falseamento quando visto pelas lentes da razão, do pensamento que alcança o conhecimento pela via da dúvida.

É um fato que o governo de Lula incluiu dezenas de milhões de brasileiros e melhorou a vida de todos. É um fato que a miséria e a fome diminuíram

significativamente no seu governo. É um fato que o Brasil mudou – e mudou para melhor com Lula. E isso não é pouco, mas não é mesmo. Isso é enorme.

O “nunca antes neste país”, usado por ele e satirizado pelos adversários, é um fato em vários setores. Mas não é por isso que ele está sendo investigado. Mas sim pelo que também pode ter de fato feito. Pelo que há indícios de que tenha feito. Assim como outros membros do PT já foram julgados, condenados e presos pelo que de fato fizeram. Isso não é perseguição, isso é justiça. Buscar confundir, deliberadamente, uma coisa com outra, demanda fé. E má fé.

Para acreditar no discurso de Lula é preciso crer como um crente. E não é de hoje que Lula exorta seus eleitores a esse tipo de crença. Lula como presidente cultivou uma mística, a mística do pai. E, assim, reduziu eleitores a filhos – em vez de cidadãos. Em vez de estimular emancipação e autonomia, demandou obediência. Em vez de mostrar que políticas públicas são direitos, apresentou-as como bondades. Filhos que adoram não perdoam fraturas na imagem do pai. A paixão, que é um tipo de fé, em determinadas condições vira ódio. Lula arriscou-se quando se permitiu ser adorado – e gozar com isso. Assim como não se controla linchadores, também não se controla adoradores.

Hoje Lula é linchado simbolicamente por muitos que o veneravam, inclusive por parte daqueles que melhoraram sua vida radicalmente durante o seu Governo. Para estes, ele era um objeto antes, segue sendo um objeto agora. Apenas que antes movia paixão, e agora ódio.

Lula, que compreendeu o Brasil e os brasileiros como poucos, em qualquer tempo, perdeu um capítulo. E não qualquer capítulo, mas um fundamental: Lula ainda não compreendeu as [manifestações de junho de 2013](#).

Ao lançar Dilma Rousseff como sua sucessora, Lula já tinha sido tomado por um delírio de onipotência, já era ele mesmo um crente de si mesmo. E poucas coisas são mais perigosas para uma pessoa pública do que isso. Ao partido, só cabia obedecer. Lula elegeu Dilma e a reelegeu, mas a que preço. Também

tentou lançá-la como a “mãe dos pobres” e a “mãe do PAC”. Mas Dilma jamais teve essa vocação. Entre todas as mentiras apresentadas como verdades nessa realidade em que um [Eduardo Cunha](#) é o presidente da Câmara e um Renan Calheiros é presidente do Senado e um Michel Temer é vice-presidente do país, talvez seja Dilma justamente quem traga um pouco de honestidade pessoal ao enredo. É ela, a tão claramente atrapalhada, a tão claramente incompetente, a tão claramente irascível, que acaba, involuntariamente, revelando-se em atos falhos sem fim. Como no mais recente, em que negou que estivesse cogitando uma renúncia dizendo: “Eu me renuncio...”.

Quando o cenário desmorona e a vida é corroída no cotidiano, a vontade de acreditar aumenta. Quanto maior o falseamento e mais frágeis as verdades, maior a vontade de crença. Entre as crenças que talvez uma parte da esquerda esteja tentada a embarcar está a de que este é um momento de estar em um lado ou em outro lado. Havia pelo menos uma condição que na ditadura era mais fácil, a de que ou se estava contra ela ou a favor. Era muito fácil saber quem eram os inimigos – e os que não eram inimigos eram amigos. A democracia complica as coisas ao aumentar as nuances. Apesar de muito mais difícil, é bem melhor que as coisas sejam vistas como de fato são: complexas. Nostalgias do preto e branco podem ser perigosas, mais ainda num cérebro com vontade de crença.

Recusar a polarização, não aderir a um lado nem ao outro, não é ficar em cima do muro: ao contrário, é posição

Posso estar equivocada, errar é um risco de quem se arrisca a pensar. Mas recuso – e recuso pelo pensamento – a polarização. Há muitos, nos quais me incluo, que não estão nem cá nem lá. E, ao contrário do que dizem uns e outros, também não estão em cima do muro. Há posição e há posicionamento forte para além da polarização. Já afirmei, [mais de uma vez neste espaço](#), que, no meu modo de ver, a alegada polarização é mais uma falsificação entre tantas neste momento conturbado do país. O problema de Lula e do PT é muito

mais quem não está nas ruas contra eles, mas também já não estaria a favor. Este recusar um lado e outro é ativo, é posição.

Repudio o que Sérgio Moro e seus pares fizeram com Lula não por ele ser ex-presidente, mas porque sempre denunciei o abuso de policiais e de outros agentes da lei como prática de sua atuação junto às populações mais pobres e desamparadas das periferias, do campo e da floresta. Incluindo nesta denúncia todas as prisões ilegais feitas nos protestos de 2013 pela tarifa zero, nos de 2014 contra as remoções promovidas em nome da Copa do Mundo e nos de 2015 contra a “reorganização escolar” feita por Geraldo Alckmin. Reconheço o que os governos Lula-Dilma fizeram no combate à miséria e na ascensão social de milhões. Assim como reconheço seu protagonismo no tema das cotas raciais e na ampliação do acesso à universidade, entre outros temas de fundamental relevância.

Mas repudio a [violação escandalosa de direitos em grandes obras na Amazônia](#), como Belo Monte. Se o esquema de corrupção revelado nas delações da Lava Jato for comprovado, é apenas uma das pontas. [A violência promovida pela Norte Energia e pelo Governo federal](#), duas esferas que seguidamente se misturavam, é bem documentada há anos. Assim como repudio o desrespeito aos direitos indígenas e o sumiço da reforma agrária da pauta.

Lamento a falta de investimento em saneamento básico, uma das principais razões da expansão do *Aedes aegypti* e sua coleção de doenças. Assim como o investimento insuficiente em educação, principal instrumento da emancipação de um povo, para muito além do acesso a bens de consumo. Também lamento uma visão medíocre de cidade e de cidadania. E abomino a cegueira socioambiental deste Governo, mais criminosa ainda por vivermos em tempos de mudança climática.

Quando Lula e o PT reclamam dos abusos de Sérgio Moro, dos procuradores e da Polícia Federal, têm razão em alguns casos, como o da [“condução coercitiva”](#). Mas a razão que têm não faz desaparecer o fato de que este Governo colocou a Força Nacional a serviço da Norte Energia – e das empreiteiras – na ocupação do canteiro de Belo Monte por indígenas,

ribeirinhos e movimentos sociais de Altamira, no Xingu, assim como na repressão aos Munduruku, que protestavam contra a construção de hidrelétricas no rio Tapajós. Nem faz desaparecer o quanto este Governo compactuou com a repressão e a prisão de manifestantes na Copa do Mundo de 2014. Muito menos faz desaparecer a abominação da [lei antiterrorismo](#), de iniciativa deste Governo, que está na mesa de Dilma Rousseff para ser sancionada.

Aponto as contradições dos governos Lula-Dilma desde muito antes de a *The Economist* publicar uma capa do Cristo Redentor decolando como um foguete (e depois outra com o mesmo Cristo afundando após um voo curto). Ou de [aNewsweek chamar a presidente de “Dilma Dinamite”](#), avisando: “Não mexa com Dilma”. Já criticava Dilma Rousseff quando setores que hoje a lincham a exaltavam. Concorde com o [antropólogo Eduardo Viveiros de Castro quando ele diz que “Dilma é um fóssil”](#). Minha avaliação é de que ela tem uma cabeça cimentada no século 20 e não consegue compreender nenhum dos grandes debates que vieram depois. Considero Dilma Rousseff um desastre pela sua miopia sobre os grandes temas do Brasil e do mundo.

Ainda assim, enquanto não houver provas de que a presidente cometeu ilegalidades, não me parece possível apoiar seu impeachment. Respeito o voto da maioria, mesmo quando não concordo com ele. Ser cidadão é ser adulto – e ser adulto é responsabilizar-se pelo seu voto e lutar pelo respeito ao voto do outro. Se as provas aparecerem, e só assim, esse processo pode ganhar legitimidade e então apoio.

Neste momento histórico, a esperança é um luxo: é preciso construir um novo projeto por imperativo ético

Jamais estaria ao lado dos que promoveram as manifestações de 13 de março. Conheço esses protagonistas de outras décadas. O figurino de novidade não cobre o mofo de quem sempre esteve no mesmo lugar. O que representam nunca saiu do poder no Brasil. E, quando escutados com atenção, é possível

ouvir o som de fundo: tudo o que querem é manter seus privilégios intactos. Não será com a minha fé.

Setores do PT traíram um projeto que não pertencia apenas a eles, mas a pelo menos duas gerações de esquerda. É preciso construir outro, por outros caminhos, que passa por tudo o que se aprendeu com 2013. Neste momento histórico, o que sabemos fazer já não é suficiente. É preciso encontrar uma outra forma de fazer. Tudo o que importa está paralisado por essa falsa polarização. É preciso se mover e fazer o que importa. No cotidiano, dia após dia. Esta não pode se tornar uma democracia de fachada. [Como já escrevi, não porque temos esperança.](#) Neste momento histórico, a esperança é um luxo, um supérfluo. É preciso fazer por imperativo ético.

Diante da necessidade de se construir um novo projeto para o país, me parece necessário resistir à vontade de crença. Prefiro ser ateu também na política.

[Eliane Brum](#) é escritora, repórter e documentarista. Autora dos livros de não ficção *Coluna Prestes - o Averso da Lenda*, *A Vida Que Ninguém vê*, *O Olho da Rua*, *A Menina Quebrada*, *Meus Desacontecimentos*, e do romance *Uma Duas*.
Site: desacontecimentos.com Email: elianebrum.coluna@gmail.com Twitter: [@brumeli](https://twitter.com/brumeli)
anebrum

NERVO EXPOSTO: Kill Bill



**Lula, arma antineoliberal de Dilma para animar economia,
segurar PMDB e afastar impeachment**

<http://independenciasulamericana.com.br/2016/03/lula-arma-antineoliberal-de-dilma-para-animar-economia-segurar-pmdb-e-afastar-impeachment/>

Cesar Fonseca em 15/03/2016



**NACIONALISMO DILMISTA-LULISTA CONTRA NEOLIBERALISMO
GOLPISTA**

O programa desenvolvimentista do PT que Lula defende como pressuposto

básico para ser ministro no Governo Dilma fortalece a base político eleitoral governista.

Essencialmente, essa manobra política dilmista, tocada sob pressão do PT, racha o PMDB e sua proposta neoliberal formulada pelo vice-presidente Michel Temer cuja possibilidade eleitoral é nula visto que elimina direitos sociais e coloca a situação política nacional ainda mais tensa, favorecendo os golpistas do impeachment.

A primeira providência antineoliberal a presidenta Dilma já adotou ontem: mandou reduzir de 14,5% para 11% a taxa de juro sobre os fundos constitucionais do Norte, Nordeste e Centro-Oeste, para fortalecer pequenas e médias empresas que estão sufocadas pela falta de crédito para tocar seus negócios.

Ao mesmo tempo, a titular do Planalto deve, com Lula no poder, junto dela, dar um desconto estimado em 40% nas dívidas dos estados e municípios, renegociando-as a juros mais baixos, porque os que vigoram atualmente são impossíveis de serem suportados num mundo capitalista em que a taxa de juro passou a ser zero ou negativa, como arma para vencer a crise global.

Também, já está em curso aumento da oferta de crédito, por meio da Caixa Econômica Federal, para programas sociais, como o Minha Casa Minha Vida, que reanima o mercado imobiliário, parado, justamente, porque a receita neoliberal, que ainda predomina, como base de ajuste fiscal recessivo, herança de Joaquim Levy, inviabiliza, completamente, os investimentos.

Deverá ainda reduzir a taxa de juro a utilização de parte das reservas cambiais internacionais de 380 bilhões de dólares(R\$ 1,5 trilhão ao câmbio atual) para tocar obras de infraestrutura, sem as quais o desenvolvimento não se realiza: portos, aeroportos, estradas, rodovias, armazéns agrícolas, saneamento básico, recursos para pequenas e médias obras em prefeituras municipais etc são as iniciativas que ganharão corpo com a utilização desse dinheiro que está parado, apenas, dando despesa ao tesouro nacional.

Os neoliberais criticam a utilização das reservas com o argumento de que elas não representam poupança governamental, ou seja, o governo, como um poupador qualquer, não acumulou mês a mês esse dinheiro, para que, hoje, nas horas difíceis, possa utilizá-lo.

Tentam os neoliberais fazer crer que governo deve ser igual dona de casa ou pequeno poupador que tem de fazer pé de meia para arrumar dinheiro, a fim de tocar investimento, para que, com este, disponha de recursos tributários.

Não é nada disso: governo, que emite moeda, que é capital, que é, segundo Keynes, a única variável econômica verdadeiramente independente sob o capitalismo, ganha dinheiro com o aumento da oferta de dinheiro que toca negócios que vira arrecadação, depois de aquecer produção, emprego, renda, consumo e, finalmente, impostos. Quando o governo aumenta quantidade de oferta de moeda na circulação produz, diz o autor de *Teoria Geral do Emprego, do Juro e da Moeda*, quatro movimentos simultâneos interdependentes, interativos: 1 – perdoa dívida do empresário, do governo e dos contribuintes contraídas a prazo; 2 – diminui a taxa de juros; 3 – reduz relativamente os salários e 4 – aumenta relativamente os preços.

Ou seja, ativa a produção, a arrecadação e os investimentos, sinalizando para o empresário, aumento a *eficiência marginal de capital(lucro)*, que desperta nele seu espírito animal para os negócios.

O que fazem, nesse momento, os governos capitalistas desenvolvidos – Estados Unidos, Europa e Japão – para tentarem vencer a crise atual?

Justamente, isso: ampliam a oferta monetária, que reduz a zero ou negativa a taxa de juro, diminuindo custos de sua dívida pública e da dívida tanto das empresas como dos contribuintes endividados, para animar o consumo, sem o qual o capitalismo não sobrevive.

A poupança do governo é o gasto do governo, que vira receita tributária com a qual os novos investimentos se realizam.

Não é mecanicismo aristotélico, é dialética hegeliana.

Como pretende o Governo Dilma trabalhar com as reservas cambiais?

Utilizá-las, como adiantou o governador Wellington Dias, do Piauí, como fundo garantidor, por meio do qual levanta-se empréstimos externos, que estão baratos – diga-se de passagem – no momento em que a economia mundial está em deflação.

Não se trata de torrar reservas, como os economistas neoliberais, servidores dos banqueiros, estão dizendo; pelo contrário, as reservas vão fazer dinheiro; quem não quer emprestar para quem tem garantias de 380 bilhões de dólares em caixa?

Ganha dinheiro quem tem dinheiro.

Por que deixar as reservas paradas, se podem ser utilizadas para o interesse do povo?

O que é melhor: utilizar as reservas para fazer dinheiro e desenvolvimento ou deixar a economia parada, mantendo esse dinheiro ocioso, para que ela entre em parafuso e estimule investidores a fugirem do país, obrigando o governo a conter a fuga, gastando essas mesmas reservas, na base do salve-se quem puder?

Lula faria diferente: reservas para aumentar reservas, com desenvolvimento.

FHC, obediente ao Consenso de Washington, fez o oposto: torrou reservas para conter fuga de capital decorrente da política cambial louca que adotou – sobrevalorização do câmbio para conter inflação e garantir segundo mandato na base da corrupção, compra de votos no Congresso etc.

(Engraçado: porque não se levanta esse pretérito histórico fernandista para enquadrar tucanos na Lavajato? O dinheiro da corrupção tem várias origens).

Por ter torrado perto de 80 bilhões de dólares, por conta do câmbio sobrevalorizado, que destruiu indústria nacional, FHC teve que, nu, ir duas vezes ao FMI, de modo a evitar a sangria cambial.

O Governo Dilma, graças às reservas acumuladas, mandou o FMI passear; se tivesse na dependência dele, não poderia fazer o que fez, associar-se aos BRICs, algo que Washington não lhe perdoa.

Os economistas neoliberais não entendem, com suas cabeças mecanicistas, que as reservas cambiais são poupança, sim, do governo, porque ele ampliou mercado interno, com valorização do poder de compra dos trabalhadores, com programas sociais distributivistas de renda, cujas consequências foram aumento de arrecadação tributária, com as quais pode continuar servindo os bancos a juros altos que atraíram dólares, trocados por reais, acumulando reservas, claro.

Agora, como ressalta o governador Wellington Dias, Dilma pode usar reservas como garantias para pegar dinheiro a custo barato, para financiar o desenvolvimento, especialmente, em obras de infraestrutura. Ou seja, não é gasto, é investimento estatal, que vai virar poupança, porque dinamizará produção, emprego, renda, consumo, arrecadação e investimentos.

Quem não quer que o governo utilize as reservas cambiais? Basta ler artigo do neoliberal Edmar Bacha, ex-ministro tucano, integrante de conselho de administração de grandes bancos, que acha essa iniciativa mal negócio.... para os bancos, claro, porque será dividida com o povo por meio de maior oferta de crédito, para tocar a economia, o mercado interno etc.

Os neoliberais e seus porta-vozes, como Merval Pereira, na Globonews, ontem, à noite, se desesperam com a chegada de Lula para fazer esse serviço, no Governo Dilma, com apoio popular:

“Maluquice, maluquice, maluquice”, dizia, apoplético.

Politicamente, Lula, usando reservas, tocando economia e mercado interno voltando a crescer, racha o PMDB e destrói, evidentemente, a proposta neoliberal peemedebista de acabar com os direitos trabalhistas, a política de valorização do salário mínimo, ampliar desvinculação de recursos para os programas sociais a partir de orçamento com base zero etc, a fim de servir aos banqueiros superávits primários mais gordos. Ou seja, neoliberalismo puro, que destruiria, isso sim, poder de compra dos salários em nome da formação de poupança para o setor privado investir, quer dizer, quimera, conversa fiada do mercado, apoiado pela grande mídia, sua serviçal antinacional.

Por fim, com maior oferta de moeda na circulação capitalista brasileira, reduzindo juro, inflação e valorizando salário, para reanimar mercado interno, Dilma-Lula, Lula-Dilma, dá xeque-mate nos golpistas da oposição e nos traidores do PMDB, como o senador Romero Jucá, que já faz discurso sintonizado com os banqueiros nacionais e internacionais, de olho no que ele sonha: tocar o ministério da Fazenda, para fazer o programa neoliberal de Michel Temer.

E, evidente, Lula, se fizer bem feito o trabalho, vira pule de 10 para 2018, para disputar com quem?

Talvez, quem sabe, o Moro, o herói da direita!

ARS GRATIA ARS

“A arte salvará o mundo” – Dostoievski - eis que da natureza do homem, como a natureza é a arte de Deus (Baylei)

ARTES POÉTICAS: “Se nem for terra/Se trans for mar...” – P.Leminski

A natureza do Cerrado (veja o vídeo) me ensinou a observar, olhar, ver, ouvir e compreender a vida. Por isso, escrevi:

Eugenio Giovenardi =5 min · Brasília, DF ·

SECRETOS

Queria trepar em árvores
Como quatis e saguis.
Voar depressa como colibris
Ser atento como os bem-te-vis.
Ter a paciência das pedras grandes
Que, há séculos, olham a lua,
Se aquecem ao sol

E contam estrelas.
Compreendo a beleza vermelha
Da caliandra sensual, indiferente,
Ouvindo conselhos de árvores anciãs.
Percebo um conluio secreto
No aparente silêncio do campo
Ouço avisos, vejo sinais,
As folhas balançam,
As flores cochicham
Soam cricris
A lagartixa rasteja
A jaó pia, a gralha se espanta,
Todos falam em códigos
Abreviações, monossílabos.
É uma enciclopédia milenar
Que folheio devagarinho
Como um analfabeto natural
Admirando as ilustrações.
19.2.2016

Participe do Segundo Seminário Águas Acima, 21.03.2016, no Instituto Histórico e Geográfico do DF, Q 703/903 Sul, 14h30.

VIDEO

A Riqueza das Nações, 240 anos - A Economia no Século 21

Os dois objetos acima cabem na palma da mão de uma pessoa. Foram feitos para isso. Mas as semelhanças param por aí. O primeiro é um machado de mão feito...

AECONOMIANOSECULO21.BLOGFOLHA.UOL.COM.BR



CINEMA

<http://www.adorocinema.com> - <http://cadernodecinema.com.br>

<http://cinemacomrapadura.com.br/criticas/83074/kill-bill-volume-2-2004-83074/>

<http://www.museudocinema.com.br/>

<http://www.devotudoaocinema.com.br/2013/08/de-olhos-bem-fechados.html>

<http://www.cinemateca.gov.br/>

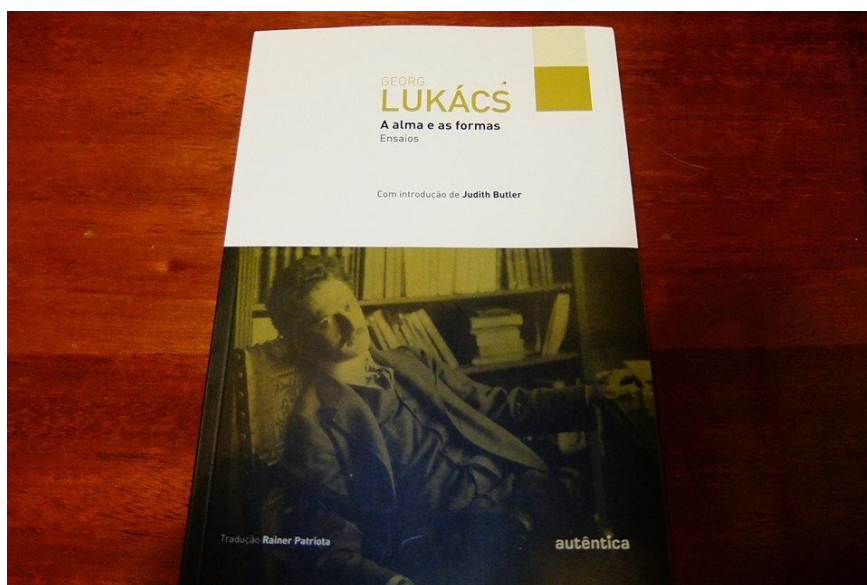
LIVROS

Um país se faz com homens e livros – M.Lobato

<http://homoliteratus.com>

PAPO LITERÁRIO – TV CAMARA

<http://www2.camara.leg.br/camaranoticias/tv/programa/119-PAPO-LITERARIO.html>



LITERATURA : MACHADO LIMPANDO A LINGUA

http://www.dominipublico.gov.br/pesquisa/ResultadoPesquisaObraForm.do?first=50&skip=0&ds_titulo=&co_autor=&no_autor=machado%20de%20assis&co_categoria=2&pagina=1&select_action=Submit&co_midia=2&co_obra=&co_idioma=&colunaOrdenar=null&ordem=null



A Cartomante

Machado de Assis

[ua] Universidade da Amazônia - UNAMA

[TV Cultura - Entrelinhas](#)

www2.tvcultura.com.br/entrelinhas/sobre.asp

[A Nova Literatura Brasileira - Programa 4 - TV - Câmara ...](#)

www2.camara.leg.br › ... › [TV Câmara](#) › [Sempre Um Papo](#)

[Ver TV debate a literatura na televisão brasileira | TV Brasil](#)

tvbrasil.ebc.com.br/vertv/.../ver-tv-debate-a-literatura-na-televisao-brasil...

[Literatura Fundamental - Univesp TV - TV Cultura](#)

univesptv.cmais.com.br/literatura-fundamental

[Leituras - TV Senado](#)

www.senado.gov.br/noticias/TV/Programa.asp?p=19

...

[Globo News Literatura | Botequim Cultural](#)

botequimcultural.com.br/globo-news-literatura/

[Literatura Agora - Magazines - RTP](#)

www.rtp.pt/programa/tv/p31415

[MESTRES DA LITERATURA - TV Escola](#)

tvescola.mec.gov.br/tve/videoteca-series/loadSerie?idSerie=789

TELEVISÃO

Arte 1 – O Canal - arte1.band.uol.com.br/o-canal/

O **Arte 1** é o primeiro **canal** brasileiro com uma programação inteiramente dedicada à **arte** e à cultura. Dança, música clássica e popular brasileira, cinema

TV Escola: Principal

tvescola.mec.gov.br/

A **TV Escola** é o canal da educação. É a televisão pública do Ministério da Educação destinada aos professores e educadores brasileiros, aos alunos e a todos .

VARIEDADES

http://www.vice.com/pt_br/

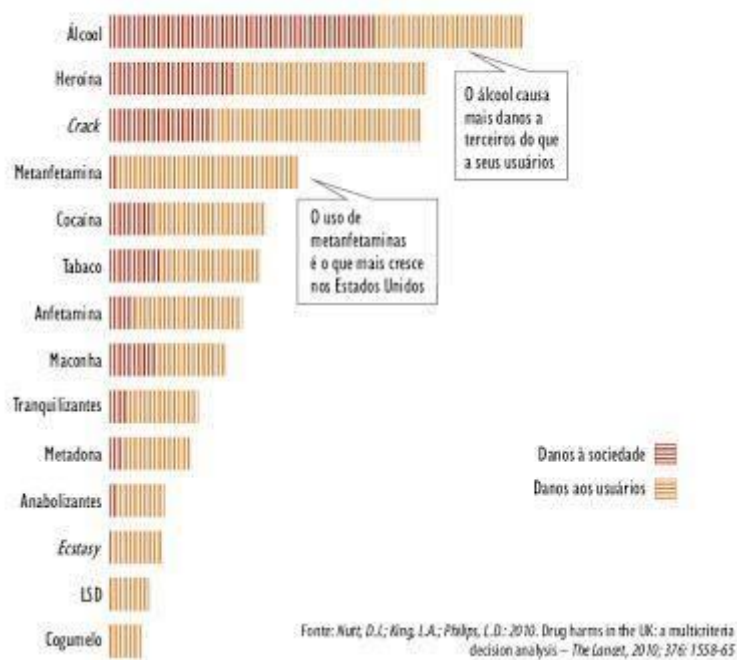
<http://orapois.blogfolha.uol.com.br/>

Drogas:

Há uma diferença fundamental entre as drogas. O álcool é muito mais disseminado e letal. Nele, no álcool, devia residir a prioridade das autoridades governamentais sobre controle de drogas. Ele é massivo, corrosivo, extensivo... As drogas pesadas são terríveis mas atingem um número relativamente pequeno da população. Controle de drogas devia ser controle do álcool. Pelas consequências sobre o corpo e o espírito, pelas consequências negativas no mundo do trabalho, pelas consequências nefastas nas famílias, pelos desastres que provoca no trânsito...

Álcool causa mais danos; crack aparece em 3º lugar

Estudo desenvolvido na Inglaterra estimou mortes de usuários e acidentes



CRÔNICAS

Oração matinal da auto-destruição, único caminho da coerência.

Recitar logo depois de escovar os dentes...

“Pois é, Chefe. E eu sou nada, não sou nada, não sou nada... Não sou mesmo nada, nadinha de nada, de nada... Sou a coisinha nenhuma, o senhor sabe? Sou o nada, coisinha mesma nenhuma de nada, o menorzinho de todos. O senhor sabe? De nada. De nada... De nada...”

Guimarães Rosa



Desafio Microcontos - Cem Toques Curtir Página

"Olho-me no espelho e tenho medo de mim.
E te pergunto:
- Você tem medo?
Se eu fosse você teria medo."

(Rô Mierling)

#desafio #cemtoques #microconto

Que fim levou a direita ilustrada?

<http://blogdaboitempo.com.br/2014/07/02/que-fim-levou-a-direita-ilustrada/>

Posted on 02/07/2014 // 66 Comments



Por Christian Ingo Lenz Dunker.*

Confira [aqui](#) a **tréplica de Christian Dunker** à [resposta](#) de **Rodrigo Constantino** a este artigo.

Quando entrei na USP em 1984 meus avós ficaram preocupados. Ainda era época do degelo militar e a Psicologia vinha com um traço “róseo” que levantava suspeitas em meu querido avô. Formado da tradição liberal inglesa, voraz leitor do *Estadão*, ele iniciou uma espécie de profilaxia que consistia em receber-me, às quartas feiras, para uma conversa sobre temas de sua livre escolha: economia, política ou cultura. Minha avó esperava a ocasião com uma generosa torrada sobre a qual repousavam dois ovos *pochés*, em cima dos quais salpicava-se pimenta, extraída de um daqueles antigos e compridos moedores feitos de madeira. Depois do fausto e antes da partida de xadrez, vinha a chamada oral em torno dos artigos, previamente selecionados na semana anterior: Delfim Neto, Pedreira, Paulo Francis, Simonsen, Joelson Beting e ao fim o indefectível Bob Fields (Roberto Campos), combinavam-se com artigos mais informativos do *The Economist* ou das revistas francesas ou alemãs, que minha avó conseguia interpolar na conversa. Lembro particularmente de um luminar da direita americana chamado Rush Limbaugh, que quando ativado era o código para “agora o comunismo vai tremer nas bases” e Cuba deixará de ser o exemplo eterno de superioridade moral em matéria de educação e saúde. Rapidamente descobri que havia alguns caras que “pegavam mais leve” e que havia uma tensão a ser explorada entre meus dois avós, já que ela gostava mesmo era da *Folha*.

À medida que a esquerda foi entrando, no país e nos meus anos de graduação, as batalhas verbais com meu avô aumentavam em teor de pimenta. Daquela época retive o diagnóstico de que as verdadeiras ideias liberais jamais tinham sido realmente implantadas no Brasil. Não tínhamos instituições fortes, nossa economia era ridiculamente fechada e o espírito de discussão livre, pública e democrática havia sido sequestrado por dois grandes malfeitores: o governo corruptor de adultos e a esquerda corruptora de jovens. A alma do capitalismo é o risco, e as *joint ventures* públicas ou privadas deviam ser o ponto nevrálgico

de um grande sistema baseado em punições e recompensas, praticadas pelas mãos invisíveis de Adam Smith.

Havia ainda outro lado da direita liberal. Sua capacidade de erudição, seu gosto cultivado e seu exercício da ilustração. Independente do sentido aristocrático ou popular deste tipo de virtude, ela não vinha sem alguma humildade, característica daqueles que sabem o tamanho do problema que se está a enfrentar. Talvez seja por isso que os antigos cadernos culturais tinham títulos diminutivos como o *Pasquim* e o *Folhetim*, ou que indicavam sua condição acessória como o *Suplemento Literário*. Hoje passamos para a época dos superlativos como o *Mais!*, ou a atual *Ilustríssima*. À esquerda podia-se perdoar a falta de lastro cultural, que em tese seria substituído pela aposta em novas formas, vanguardas ou não, populares se benfazejas. Afinal, cultura implica conservar, cuidar, manter. Por isso a direita tinha a obrigação moral de pagar o imposto por sua própria vocação e conservar os clássicos, louvar as origens e cantar as descendências. Foi assim que a própria relação entre política e cultura tornou-se um tema mais político para a esquerda e mais cultural para a direita.

Fato é que aprendi a respeitar este tipo de pensamento liberal que era realmente uma forma de pensamento, um estilo, que podia ser mais ou menos conservador, mais inglês que francês, mais protestante que católico, mais liberal do que progressista, mais aderido aos fatos do que às interpretações, mais realista do que construtivista. Ser de direita não tornava o sujeito imediatamente desrespeitável, mas um adversário a ser batido. Podia-se refazer a genealogia imaginária deste tipo de liberalismo no pessimismo auto-irônico de Machado de Assis (o nosso Chesterton), na poesia densa de João Cabral, na sobriedade metodológica de Villa Lobos, ou nas tragédias de Nelson Rodrigues (o nosso Swift). Todos eles expressões mais ou menos reativas ao positivismo francês e seu moralismo de ocasião.

Nos anos 1980 a ecologia apareceu como um tema emergente, meio político, meio cultural. Logo foi metabolizado pelos liberais na seguinte máxima: “*nada menos ecológico do que uma criança com a barriga vazia*”. Para este tipo de pensamento progresso e economia vêm primeiro, justiça e distribuição são uma espécie de consequência natural: “*Primeiro vamos fazer o bolo crescer, depois distribuimos suas fatias*” – era a lei de Delfim. Para esta narrativa nossos heróis são os capitães de indústria de Mauá a Hermírio de Moraes passando por Chatô. Foi também nesta época que o tema do “social” caiu no colo da esquerda, para desespero de meu avô. Como observou outro dia Paulo Arantes, em [entrevista a Mario Sergio Conti, no... GloboNews](#) (isso sim teria levado meu velho ao colapso) a identificação entre a esquerda e a defesa de temas sociais é relativamente recente. E esta ideia de um Estado benemérito, sem mexer no “core” da economia, é, no fundo, senão estratégica, um pouco estranha.

Tais “maravilhosas” sínteses facultavam que na hora de escolher entre o sórdido caráter egoísta e hobbesiano ou a alegre idealização de nós mesmos, promovida pela Liga da Justiça formada pelos descendentes de Rousseau e Marx, seria preciso optar sempre pela primeira alternativa.

Gostaria que meu velho avô Colin voltasse para este mundo, apenas para ver ao que se reduziu o pensamento de direita e quiçá dar-me razão, pelo menos uma vez, senão em vida, depois da morte. Talvez ele tenha renunciado os novos tempos quando em um de seus últimos gestos renunciou à revista *Veja* dizendo que aquilo tinha virado propaganda de remédio aplicada à política. Quando leio Reinaldo Azevedo, Olavo de Carvalho, Diogo Mainardi, Rodrigo Constantino e os chamados neoconservadores eu me pergunto: o que aconteceu com a tênue, mas boa, tradição da direita ilustrada brasileira? Que fim levou o pessoal que realmente acreditava nas ideias de Milton Friedman, que queria discutir Ayn Rand ou que, no geral, tinha teses para interpretar o Brasil?

Gostaria de dizer para meu velho avô: *olha aí, aquilo deu nisso*. Mas não é verdade. Há uma espécie de erro de continuidade neste filme onde, de repente, aparece um pessoal dançando uma espécie de “Lepo Lepo” sanguinário contra o PT. Uma espécie de macarthismo retórico contra tudo o que cheire, pareça ou suporte a projeção vermelha. É uma turma que surge do nada, fantasiada de Capitão Nascimento, dizendo coisas que nem o Maluf do “estupra, mas não mata” seria capaz de dizer. Há uma fratura de gerações na direita, que de repente deu a luz a espécimes mutantes capazes de argumentar que o “2014” escrito em vermelho no logotipo da Copa do Mundo só pode ser uma propaganda subliminar da esquerda. Se o poder perdeu a vergonha, a reflexão de direita sobre o poder transformou a crítica em pichação. Esquecendo sua nobre origem liberal, não se pode reconhecer nos neoconservadores nem mesmo os bibelôs da história: seus heróis, ideias ou compromissos. Basta entrar no Bonde do “Ai se eu te pego” para perseguir, criar e vender inimigos, qual romanos vendendo bárbaros aprisionados como escravos.

Ninguém viu, ninguém sabe como chegaram esses sujeitos a posições de reputada representação em grandes diários, revistas, canais de televisão ou blogs correlatos. Passagem pelo governo, partido ou qualquer outro órgão politicamente formativo: nenhuma. Experiência com movimentos sociais, terceiro setor ou com grandes corporações: desprezível. Reputação acadêmica da moçada: zero. Aliás, para esta turma, a academia deveria ser extinta, privatizada, vendida como ferro velho, ou comprimida e coada antes da floculação tendo em vista a extração vendável de pigmento vermelhiforme.

Da antiga indignação liberal, ainda que com a típica arrogância dos vencedores, que não obstante entendiam-se como guardiões da virtude, não sobrou mais que a raiva dos impotentes. Leia-se: a cólera esbravejante dos que acreditam que possuem mais poder do que realmente têm. Antes a velha direita cheirava a dinheiro e gostava de dizer-se acima de esquerdas ou direitas, pois era tão somente contrária à vulgaridade. Ao que a velha esquerda respondia com “o meu partido é um coração partido”. Hoje, denunciam, reagem e latem como caçadores baratos de celebridade. E o sentimento basal é de vergonha alheia. [Com uma direita destas quem precisa de esquerda?](#)

Esta direita está mais para os ovos *poché* de minha avó do que para o Rush Limbaugh de meu avô. São quadrados, ásperos e chatos como uma torrada queimada. Os ovos são moles e espalham tudo com qualquer furinho à toa.

Mas o pior é que ainda não entenderam que não é para sentar em cima do moedor de pimenta.

Confira o debate “O Brasil entre muros: segregação é ódio no Brasil partido”, com **Christian Dunker**, **Paulo Arantes**, **Maria Rita Kehl** e **Vladimir Safatle**, que marcou o lançamento do livro [Mal-estar, sofrimento e sintoma: a psicopatologia do Brasil entre muros](#), de Christian Dunker:

Christian Ingo Lenz Dunker é psicanalista, professor Livre-Docente do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (USP), Analista Membro de Escola (A.M.E.) do Fórum do Campo Lacaniano e fundador do Laboratório de Teoria Social, Filosofia e Psicanálise da USP. Autor de *Estrutura e Constituição da Clínica Psicanalítica* (AnnaBlume, 2011) vencedor do prêmio Jabuti de melhor livro em Psicologia e Psicanálise em 2012, seu livro mais recente é [Mal-estar, sofrimento e sintoma: a psicopatologia do Brasil entre muros](#) (Boitempo, 2014). Desde 2008 coordena, junto com Vladimir Safatle e Nelson da Silva Junior, o projeto de pesquisa *Patologias do Social: crítica da razão diagnóstica em psicanálise*. Colabora com o **Blog da Boitempo** mensalmente, às quartas.

BOLETINS DE NOTÍCIAS E ANÁLISES



[13 sites que querem mudar o jornalismo brasileiro](#)

Estes projetos transformaram crise em oportunidade.

BUZZFEED.COM

[www.sul21.com.br](#) - [www.outraspalavras.com.br](#) - [www.cartamaior.com.br](#)

[www.desenvolvimentistas.com.br](#) - [http://www.auditoriacidada.org.br/](#)

[www.maurosantayana.com](#) - [www.paulotimm.com.br](#) [http://ciperchile.cl/](#)

[www.correiciudadania.com.br/](#) - [www.ecodebate.com.br](#)

[www.patrialatina.com.br](#) [www.estrategiaeanalise.com.br](#) - [www.abdic.org.br](#)

[http://www.redebrasilatual.com.br/economia](#) - [http://plataformapoliticasocial.com.br/](#) -

[http://www.ifch.unicamp.br/cemarx/site/](#) - [http://gilvanmelo.blogspot.com.br/](#)

[http://www.voltairenet.org/](#) - [http://www.esquerda.net/](#) - [http://resistir.info/](#) -

[http://br.sputniknews.com](#) [http://www.laondadigital.uy/](#) [http://www.diarioliberalidade.org/](#)

[http://www.dominiopublico.gov.br](#) - [https://www.facebook.com/ptjornal](#) - [http://www.oplop.uff.br](#)

<http://www.laondadigital.uy/> - <http://newleftreview.es/> - <http://www.esquerda.net/> - www.laondadigital.uy/

Sociedade Brasileira de Economia Política
Fórum Mundial das Alternativas - <http://www.nexojornal.com.br/>

Indicadores Economicos BACEN- <http://www.bcb.gov.br/?INDECO>

ESTUDE ONLINE COM O QG DO ENEM - [HTTP://WWW.ENEM.COM.BR/CURSOSENM/](http://WWW.ENEM.COM.BR/CURSOSENM/)

FORUM 21 - <https://www.facebook.com/groups/1465485120431945/>

Blogs : <http://blogdomariomagalhaes.blogosfera.uol.com.br/>

<http://blogdogutemberg.blogspot.com.br/>

<http://bissexto.com.br> - www.agambenbrasil.com – <http://blogdaboitempo.com.br/>

<http://www.timmsouza.blogspot.com.br/> - <http://blogdaboitempo.com.br/category/colaboracoes-especiais/vladimir-safatle/>

<http://marxrevisitado.blogspot.com.br>



REFORMA POLÍTICA JÁ! - <http://www.reformapolitica.org.br/>

Reforma Política Democrática - WWW.FPABRAMO.ORG.BR

